



VISÃO DE MUNDO E BIFOCALIDADE EM FAÏZA GUÈNE E JUNOT DIAZ*

WORLDVIEW AND BIFOCALITY IN FAÏZA GUÈNE AND JUNOT DIAZ

Letícia Ritter de Abreu
Valença**
Dionei Mathias***

** leticiavalença7@gmail.com
Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM (Santa Maria - RS).

*** dioneimathias@gmail.com
Doutor em Letras pela Universität Hamburg (Hamburgo - DE) e pela UFPR (Curitiba - PR). Professor do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM (Santa Maria - RS).

RESUMO: Traçando um paralelo entre Doria e Lola, protagonistas respectivamente de *Amanhã, numa boa* (2006), de Faïza Guène, e *A Fantástica vida breve de Oscar Wao* (2009), de Junot Díaz, este estudo analisa o relacionamento materno e o despertar da sexualidade, em duas personagens do contexto de fluxos migratórios. Com base nos conceitos de mundividência de Carlos Reis e de bifocalidade de Steven Vertovec, este artigo discute as modalidades de interação entre mãe e filha, isto é, entre primeira e segunda geração de atores sociais, com uma história de migração. Na primeira parte, a atenção se volta para os conflitos entre mãe e filha e para o modo como elas adaptam suas visões de mundo, a fim de concretizar suas existências, respectivamente na França e nos Estados Unidos. Na segunda parte, o foco recai sobre a experiência do despertar da sexualidade e o modo como a mãe marroquina de Doria e a progenitora dominicana de Lola influenciam essa etapa da vida de suas filhas.

PALAVRAS-CHAVE: Faïza Guène; Junot Diaz; maternidade; sexualidade.

ABSTRACT: The present study analyzes the maternal relationship and the sexual awakening in two characters, belonging to contexts of migratory flows, drawing a parallel between Doria and Lola, protagonists of Faïza Guène's *Kiffe kiffe demain* (2004) and Junot Diaz' *The Brief Wondrous Life of Oscar Wao* (2007). Based on Carlos Reis' concept of worldview and Steven Vertovec's idea of bifocality, this article discusses interaction modalities between mother and daughter, which means, between first and second generation of social actors, with a migration background. In the first section, the focus is directed to conflicts between mother and daughter and to the way they adapt their worldviews, in order to substantiate their existences, in France and the United States, respectively. In the second section, our attention is drawn to the experience of sexual awakening and to how Doria's Moroccan mother and Lola's Dominican progenitor influence this stage in the life of their daughters.

KEYWORDS: Faïza Guène; Junot Diaz; ficção; maternity; sexuality.

* O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

INTRODUÇÃO

Diante da intensificação de fluxos de imigração que caracteriza a segunda metade do século XX, múltiplas são as formas de expressão que captam esses contextos sociais contemporâneos. Sujeitos imigrantes, advindos desses contextos, adotam perspectivas importantes para a compreensão da realidade social na atualidade. De forma a representar artisticamente a resignificação de sentidos empreendida por esses atores sociais, Faïza Guène e Junot Díaz encenam em seus textos a busca por reconhecimento identitário, em diferentes contextos nacionais. Através de uma análise comparativa da construção das protagonistas dos romances *Amanhã, numa boa* e *A fantástica vida breve de Oscar Wao*, é possível problematizar a figuração da condição de imigrante, no contexto das sociedades contemporâneas.

Faïza Guène, filha de imigrantes argelinos e nascida na França, representa, na vida e em sua arte, diferentes rupturas com dinâmicas culturais. A autora faz parte do corpo de escritores que tem trazido ao foco artístico a busca identitária de uma nova multicultural global. Com efeito, através de sua construção ficcional, ela aproxima o leitor de particularidades de sua realidade extraficcional francesa, já que combina elementos singulares de seu contexto em específico com sentimentos que se tornam

universais a partir da experiência migratória. São exemplos dessa experiência o deslocamento, a contínua busca por um arraigamento identitário e diversas formas de diferenciação religiosa e cultural. Por articular uma narrativa que se aproxima da realidade social da periferia, Faïza contribui para uma resignificação dos modelos identitários franceses e de sua riqueza linguística.

O que aproxima, então, uma contribuição cultural tão singularmente desenvolvida e representante de uma região geográfica específica, do trabalho de um autor dominicano, residente nos Estados Unidos? O desenrolar representativo paradoxal da modernidade pode ser identificado nessa conexão a partir das particularidades que tanto afastam, como aproximam as obras de Faïza Guène e Junot Díaz: ambos imigrantes, entretanto, de diferentes gerações, transmitem ao leitor formas de socialização vividas pelos filhos da imigração, mesmo que em diferentes contextos nacionais. Junot Díaz, mundialmente reconhecido e homenageado, representa em sua obra unicidades da experiência diaspórica da República Dominicana. Assim como Guène, Díaz importa sua mundividência para o mundo ficcional, que reflete claros resultados transculturais e uma resignificação de valores que transpassa a arte e a esfera social.

Em *Amanhã, numa boa* (2006), Faïza Guène cria um espaço no qual diversos contextos para férteis problematizações sociais se revelam, a partir da condição criada pela falta de ações governamentais suficientes para aqueles que se fragilizaram no processo de adaptação em solo francês. A narrativa é articulada através da perspectiva de Doria, uma personagem feminina que retrata esse mundo marginalizado com humor e ironia. Filha única, cujo pai abandona a família na França, ela apresenta como referência familiar vigente a figura materna, vulnerável e analfabeta, que foi abandonada pelo marido por não ter gestado um filho homem. Com a rejeição do pai, que parte para o Marrocos em busca de um novo casamento que lhe dê um filho, Doria e a mãe estão à mercê daquilo que podem obter da assistência governamental francesa e do baixo salário de Yasmina. Assim, o fator agravante da dificuldade financeira atrelada ao abandono do pai pode ser relacionado e adicionado ao da migração. Entretanto, Doria não se permite sucumbir e, por subverter a seriedade da situação com o humor, representa resistência. Encarando os moldes da cultura hegemônica francesa com acidez, ela exercita o olhar em relação à imposição destes, o que culmina em uma formação consciente e sensível de seus valores pessoais e de sua condição social.

Também de forma a destacar as implicações de uma confluência de culturas e respectivos traumas no sujeito, Junot Díaz constrói uma narrativa turbulenta, onde a quebra de expectativas reina em *A fantástica vida breve de Oscar Wao* (2009). As personagens em torno das quais giram as diferentes vozes narrativas vêm de contextos familiares que investem na propagação de um modelo de comportamento que corrobora com a estereotipação patriarcal do indivíduo dominicano. Considerando que tais influências culturais são transmitidas entre as gerações das personagens, é preciso que se considere a linha de herança familiar e afetiva que ocorre a partir da personagem Belícia, mãe dos protagonistas Oscar e Lola e imigrante de primeira geração. Por mais que tenha abrigado um desejo de rompimento com seus moldes originários, as referências étnicas ecoam em seu relacionamento com os filhos. Belícia debela as tentativas de negociação dos filhos com a cultura americana, gerando um conflito geracional. Lola, inserida em um contexto de socialização diferente, resiste desde a adolescência às expectativas limitantes.

Inerente aos comportamentos das figuras maternas e ao modo como as filhas reagem a essa interpretação de realidade, há uma visão de mundo ou mundividência (REIS, 2013, p. 56), perpassado por uma diversidade de

discursos que elas rejeitam, assimilam ou adaptam para sua realidade pessoal. Dessa interseção de diversos discursos, origina a visão de mundo que caracteriza o modo como essas diferentes personagens se apropriam do mundo e negociam seus sentidos. Assim, os conceitos de mundividência e pluridiscursividade (REIS, 2013, p. 58) abarcam dois momentos importantes: por um lado, no plano ficcional, descrevem dinâmicas da realidade diéctica a serem processadas pelas personagens; por outro lado, no plano extraficcional, caracterizam a natureza da obra literária e servem de ponto de partida para as dinâmicas de recepção do texto literário, nas quais o próprio leitor vai contrapor sua visão de mundo àquela que se encontra no texto literário. O que pode surgir desse encontro é uma visão bifocal (VERTOVEC, 2004, p. 974), por meio da qual o leitor exercita o olhar para enxergar realidades diversas.

Segundo Steven Vertovec (2004, p. 971-974), o conceito de bifocalidade tenta abarcar a transformação de percepção em atores sociais oriundos de contextos de migração e que circulam em espaços transnacionais. Ele chama a atenção para o caráter limitante de identidades e fronteiras políticas e, ao mesmo tempo, indica a necessidade de um novo referencial para captar essa nova modalidade de apropriação da realidade. Desenvolvendo

a bifocalidade, a personagem transmigrante reconhece e interage com a cultura de origem e a de assentamento, adotando os diferentes quadros de referência (VERTOVEC, 2004, p. 974). Com base nesse quadro, o indivíduo adapta suas ações e narrativas de sentido, de modo a atender às expectativas do respectivo em que transita. Essa habilidade de enxergar diferentes pontos de referência e de fricção não é necessariamente distribuída de forma homogênea dentre as diferentes gerações de imigrantes, podendo causar conflitos.

Nesse horizonte, portanto, a focalização das personagens femininas em narrativas como *Amanhã, numa boa* (2006) e *A fantástica vida breve de Oscar Wao* (2009) se revela especialmente interessante, uma vez que suas perspectivas apresentam formas ímpares de mundividência e bifocalidade, trazendo à tona uma noção particular de sensibilidade perante conflitos sociais. Uma vez que a experiência migratória já aguça as habilidades de negociação identitária do indivíduo imigrante, essas perspectivas femininas podem ser consideradas singulares pela particularidade do ser mulher dentro de um processo de socialização que já é difícil e problemático por si só (MATHIAS, 2020a, p. 3-4).

Tânia Carvalho esclarece que é preciso considerar a função que cada narrativa exerce em seu respectivo contexto, enfatizando que “a literatura comparada compara não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe (CARVALHAL, 2006, p. 6). Este artigo se pauta por essa metodologia comparatista, tentando identificar correlações entre duas obras literárias de origens e contextos distintos, a fim de compreender a configuração do indivíduo feminino, tendo em vista também o relacionamento com a figura materna (MATHIAS, 2021, p.190).

A partir dos conceitos de multividência, e bifocalidade, este artigo volta sua atenção para o relacionamento de Doria e Lola com suas respectivas mães, a partir da metodologia comparatista. Nisso, tanto o relacionamento com a figura materna, quanto o desenvolvimento da sexualidade estão intrinsecamente ligados aos espaços de socialização. Isso significa que as filhas precisam administrar as expectativas que suas mães trazem de sua cultura de origem e as expectativas vigentes no novo espaço de assentamento. Para problematizar essa administração identitária sumamente conflituosa, este artigo foca em

dois aspectos: o relacionamento com a personagem materna e o despertar da sexualidade.

1. FIGURAÇÃO DA PERSONAGEM MATERNA

A origem das figuras maternas não poderia ser mais díspar. Belícia foge do regime ditatorial dominicano, levando consigo para os Estados Unidos uma socialização latino-americana. Yasmina deixa a sociedade patriarcal marroquina para acompanhar seu marido à França. O que as duas têm em comum, além de serem imigrantes da primeira geração, é o desafio de educar suas filhas em sociedades ricas, altamente industrializadas e com regras de socialização completamente diferentes. Belícia e Yasmina são tão vulneráveis aos contextos complexos nos quais se inserem quanto suas filhas. As mães não carregam a armadura indestrutível do progenitor perfeito e salvador. Ambas se assemelham pela experiência de luta e de participação na assimilação cultural das filhas, ao passo que elas mesmas resistem e/ou processam a cultura de assentamento. É na diferença da forma como elas dialogam com as diferentes culturas e como atuam na vida das filhas que se encontra o ponto de partida de uma série de dinâmicas de socialização. Essas dinâmicas direcionam novas visões de mundo e de valores, que, por sua vez, reverberam na socialização das protagonistas em questão.

Socializada num contexto patriarcal e abandonada pelo marido na França, a situação social de Yasmina se revela altamente fragilizada. Sozinha e sem preparo profissional, Yasmina começa a trabalhar na limpeza de um motel do subúrbio de Paris, sofrendo com as condições de trabalho e com o comportamento xenófobo do chefe, que Doria relata num tom jocoso: “deve achar engraçado chamar todos as árabes de Fátima, todos os pretos de Mamadou e todos os chineses de Ping-Pong” (GUÈNE, 2006, p. 9). No lugar de exigências e expectativas irrealizáveis, a filha enxerga a situação econômica da mãe e se preocupa com sua fragilização profissional. Com base nesse olhar bifocal, o relacionamento entre Doria e Yasmina não é conflituoso, pelo contrário, há uma empatia muito grande entre mãe e filha, que se estende desta para com outros imigrantes que se encontram na mesma fragilização financeira que elas.

Natalya Mongylioiva, no artigo *National and ethnical in the individual picture of the world of the heroine of 'Kiffe Kiffe Tomorrow' by Faiza Guene*, analisa como a interação entre dois sistemas forma a visão de mundo individual de Doria. Levando em consideração a maneira como formações culturais condicionam a assimilação intercultural que ocorre no contexto doméstico de Doria, a autora defende que o romance de Guène performa uma imagem

da vida concebida através de uma perspectiva complexa e plural. Ademais, Mongylioiva (2014, p. 192) afirma que a protagonista se opõe a estereótipos de seus contextos de socialização, contradizendo as expectativas mantidas em cada um deles, o que reforça a ideia de resistência e ressignificação de práticas estabelecidas. Em seu relacionamento com a figura materna, Doria identifica elementos da visão de mundo da mãe e tenta adaptar suas ações, de modo a guardar respeito e empatia à figura materna.

É interessante identificar essa empatia através da atitude que Doria revela por meio da comicidade. Seguindo Bakhtin (2010, p. 70), a comicidade acessa aspectos sociais importantes através das expressões artísticas e visa afirmar a vida, ao invés de punir através da ridicularização. Se opondo à opressão do tom sério, conservador e estático, o riso representa a renovação, a esperança em um futuro melhor. Assim, quando Doria percebe que está usando um pijama na sala de aula, o que representa uma experiência negativa, já que o sistema capitalista cria um senso de competitividade estética entre o ser social (especialmente no contexto escolar), ela é sensível o suficiente para não culpar a mãe, que lhe deu a roupa de presente, mas não saberia ler o que estava escrito nela. Ao invés disso, Doria subverte o valor do evento e reflete sobre si: “Eu sabia que deveria ter prestado mais atenção nas

aulas da Miss Baker no primeiro ano” (GUÈNE, 2006, p. 67), gerando um efeito cômico, que interpreta a situação constrangedora com leveza e sensibilidade em relação às limitações da mãe. Seu olhar, portanto, não recai somente sobre si, ele também se apercebe de outros vetores.

Em comparação a Doria, Lola tem um relacionamento mais conflituoso com a mãe. Até o início da adolescência, ela corresponde ao modelo identitário previsto por Belícia, sem deixar de procurar conexões com a cultura americana. Mesmo com a forte imposição dos valores dominicanos, Lola não deixa que a injeção cultural materna interfira em sua dupla afiliação cultural. A virada ocorre quando a mãe é acometida por uma enfermidade. A partir de então, Lola se rebela, olhando para a mãe a partir de outra perspectiva: “ela era a mãe Dominicana do Velho Mundo e, eu, sua única filha, a que ela tinha criado sozinha [...] o que significava que ela se achava no direito de me manter esmagada debaixo do sapato” (DÍAZ, 2009, p. 62). Belícia não hesita em punir a rebeldia da filha, mesmo estando fragilizada por conta de um câncer. Para garantir a continuação do controle sobre seu comportamento, ela a degreda para a República Dominicana, com a finalidade de discipliná-la.

Durante sua permanência no país da mãe, Lola mora com La Inca, a mulher que cria Belícia depois que esta perde os pais e sofre maus tratos. A riqueza de experiências adquirida por Lola, nesse período, propicia uma mudança no modo como ela vê a si e o mundo. Tal transformação também impacta no modo como ela se relaciona com a mãe após sua volta aos Estados Unidos, já que passa a compreender a visão de mundo que forma a base do comportamento materno. Ao mesmo tempo que Lola aprende a compreender melhor o seu lugar entre as duas culturas, ela também desenvolve um diálogo mais fluido com a mãe. Nessa dinâmica de amadurecimento cultural, Lola desenvolve um olhar bifocal, o que lhe permite compreender malhas de sentidos inerentes ao comportamento da mãe que até então lhe permaneciam ocultas. Sua permanência na República Dominicana e sua convivência com La Inca treinaram seu olhar, produzindo um novo modo de apropriação de realidade, nos Estados Unidos, incluindo nisso também uma identificação com as questões afro-americanas (SOUZA, 2019, p. 262)¹.

A diferença central entre Doria e Lola, portanto, está na fluidez do relacionamento com suas progenitoras. Enquanto Doria compartilha com Yasmina processos similares de maturação e de assimilação cultural, Lola passa por circunstâncias distintas, e talvez, menos violentas,

1. Para compreender a imaginação translinguística de Díaz, Souza aponta para uma afirmação que Lola faz completamente em espanhol, que revela sua maior identificação com a comunidade negra, como imigrante de segunda geração.

daquelas sofridas por Belícia. A perda de autoconfiança de Yasmina, ao ser abandonada pelo marido, impacta na visão de mundo da filha. O trauma vivido pela mãe dominicana ecoa através das gerações, reverberando nas formas de socialização dos filhos. Tanto Doria como Lola alcançam um estágio em que suas percepções sobre as mães se tornam bifocais, isto é, mais complexas e abrangentes. Nessa nova forma de enxergar a realidade de seus relacionamentos, elas deixam de enxergar somente pelas lentes da cultura de assentamento, para identificar uma realidade mais ampla do mundo. A visão de mundo que deriva dessas experiências se revela mais complexa e ampla, ao integrar diferentes malhas de sentido.

2. O DESPERTAR DA SEXUALIDADE

Uma vez que consideramos central a contribuição cultural das mães nos processos de formação identitária das personagens Doria e Lola, é necessário que atentemos para as formas de interação social, já que estas trazem as chances de consolidação de pertencimento (MATHIAS, 2020b, p. 15-16). O despertar da sexualidade, especificamente, reflete os influxos afetivos que as protagonistas absorvem de suas mães. É possível afirmar que as mães influenciam (embora inconscientemente) no aflorar sexual de suas filhas e é nesse quesito que reside o segundo ponto a ser destacado nesse estudo comparativo. Nesse

contexto, o modo como cada uma das protagonistas vive essa experiência de transição depende das práticas culturais adotadas em seus respectivos núcleos familiares em relação à sexualidade. A forma como a sexualidade pode ser simbolizada e vivida difere de acordo com as socializações culturais e as administrações memoriais de cada contexto. Assim, as memórias culturais que as mães trazem de seu país de origem são confrontadas com as práticas do país de assentamento, posicionando as filhas nesse cruzamento que define como a sexualidade pode ser integrada em suas identidades pessoais.

A configuração memorial das narrativas de Doria e Lola, cujos relatos trazem suas visões de mundo, representa uma tentativa de construção da própria identidade através da alteridade. Segundo Joel Candau (2012, p. 16-17), conflitos de pertencimento podem ser configurados a partir de diferenciações entre o sujeito e normas de um grupo majoritário específico e tais conflitos podem ser identificados em relatos que utilizam a memória para serem construídos. Em narrativas de fluxos migratórios, personagens que vivem o deslocamento se veem confrontadas com fortes ressignificações de pertencimento através de construções memoriais. Isso é conflituoso para a primeira geração, mas é intensificado ainda mais para a segunda, pois esta constrói suas malhas de pertencimento

entre a socialização da família e as narrativas culturais predominantes no novo espaço cultural. Nas passagens em que Doria empreende reflexões, em grande parte latentes, sobre sua sexualidade, ela problematiza dois aspectos em que se pode perceber uma diferenciação em relação às práticas memoriais herdadas tanto da cultura de origem de sua mãe como da cultura francesa.

Em uma dessas passagens, Doria problematiza práticas do país de sua mãe. Trata-se de um episódio, portanto, em que se vê confrontada com as práticas e memórias culturais que norteiam as ações maternas. Nesse episódio, mulheres mais velhas revelam um certo ideal comum para os costumes dessa cultura, em específico quando sugerem para a mãe da protagonista que esta já poderia oficializar um matrimônio. A reação de Doria mostra seu estranhamento em relação a tais princípios, expressando resistência imediata e indicando que não é nesse contexto de memórias culturais que deseja encontrar seu pertencimento. Assim, a sugestão de um casamento arranjado com um sujeito chamado Rachid a faz traçar claras linhas de diferença cultural:

Bando de velhas nojentas. Eu conheço bem aquele coitado. Todo mundo chama ele de “Rachid, o babaca”. [...] Praquelas bandas, basta ter dois calombos no lugar dos peitos, saber ficar

quieta quando mandam, fazer pão, e pronto, você já pode casar. Agora, tanto faz, acho que a gente nunca mais põe os pés no Marrocos. A gente não tem mais condição, e mamãe diz que seria muita humilhação pra ela. Ela seria mal vista. Ela acha que o que aconteceu é culpa dela. Pra mim, tem dois responsáveis nessa história: meu pai e o destino (GUÈNE, 2006, p. 16).

Embora Doria não fale explicitamente de sexualidade, ela revela uma reflexão implícita que indica sua discordância com essas práticas culturais. Isto é, não está disposta a aceitar que seu corpo seja instrumentalizado para atender às expectativas daquele grupo. Em sua diferenciação crítica, ela indica sua capacidade bifocal de identificar as malhas de sentidos que configuram os comportamentos de diferentes agrupamentos sociais. É essa bifocalidade que também lhe permite expressar com clareza sua oposição a esses valores, renunciando a um pertencimento pautado pela subordinação.

Confrontada com os princípios de sua cultura de origem, Yasmina não permite que a criação de sua filha se desenvolva irrefletidamente em consonância com os valores marroquinos. A memória das práticas culturais de seu país de origem ainda impera em sua visão de mundo. Isso explica seu desejo de não querer mais voltar à sua terra, por conta da vergonha culturalmente atribuída a

ela, mesmo que seja consequência das ações de seu ex-marido. Ao mesmo tempo, contudo, ela concede certa liberdade a Doria, facultando-lhe o modo como deseja administrar seu corpo e viver concretamente sua sexualidade. Nesse sentido, ela não abandona completamente sua socialização cultural primária, nem opta por uma assimilação integral da sociedade de assentamento.

Isso não significa que ela consiga conversar abertamente com sua filha sobre os diferentes matizes do viver sexual, mesmo porque ela não obteve esse conhecimento em sua socialização, caracterizada pela submissão às regras do grupo e aos arbítrios do marido que a abandona por uma mulher mais jovem. Tampouco significa que permita à Doria imaginar sua concretização erótica nos moldes da emancipação francesa do corpo feminino, no pós 1968. Interessantemente, nem a mãe fala abertamente sobre essas questões, nem a filha a confronta no marco do embate agressivo. Ambas parecem se encontrar no meio do caminho, fazendo concessões e criando um espaço bifocal que busca atender às duas lógicas culturais. Embora latente, há uma negociação constante sobre a narrativa da sexualidade. Essa negociação, contudo, é extremamente respeitosa, permitindo um despertar sem traumas desnecessários.

Nesse horizonte, surge o interesse de Doria por Nabil, a figura que representará, ao final da narrativa, um par romântico para ela. Sua aproximação está acompanhada por um tom jocoso e carregada de resistências cômicas. Suas divergências aparentes, na verdade, revelam como Doria implicitamente reorganiza suas narrativas de mundo, para paulatinamente se acostumar à ideia de uma experiência romântica com Nabil. Quando ela se sente pronta para isso, ocorre uma mudança de perspectiva, passando a enxergar o futuro de forma mais positiva. Ao se envolver com Nabil, ela não acelera a velocidade do despertar da sexualidade para atender às expectativas do país de assentamento, tampouco se subordina às exigências das memórias culturais de sua socialização familiar. Doria opta por um terceiro caminho que surge a partir de sua bifocalidade, adotando, portanto, um comportamento de resistência às expectativas de seu entorno. Nisso, ela ouve suas próprias necessidades, revelando um profundo grau de emancipação.

Diferentemente de Doria, o caso de Lola mostra experiências menos positivas do despertar da sexualidade. Ao contrário de Yasmina, que se revela transigente e aberta ao diálogo, Belícia tende a impor os valores tradicionais patriarcais, herdados em sua socialização dominicana, em forma de memória cultural. Vimos,

inicialmente, que a configuração de gênero individual de Lola fora produzida pela regulação de atributos que seguem a valorização do modelo étnico dominicano e implementada por Belícia, que “era esse tipo de mãe, que levava você a duvidar de si mesma e que a mataria se vacilasse” (DÍAZ, 2009, p. 64). Dos 2 aos 13 anos, Lola se submete a um padrão delineado pela mãe, que a faz cozinhar, limpar, traduzir, obedecer e, mais do que realizando ações, sendo a filha perfeita interna e externamente. Há uma imposição de formas de agir e de parecer que reverbera de Belícia para Lola que, por exemplo, desde criança ouve pedidos da mãe para “que pare de usar sutiã, já que ele aperta seu peito nascente, impedindo seu crescimento” (DÍAZ, 2009, p. 60). Todos os investimentos que Belícia faz para moldar seus filhos de acordo com os valores dominicanos vêm em forma de, primeiramente, apagamento de uma individualidade e, em segundo lugar, silenciamento acerca de toda e qualquer consequência negativa que pode ocorrer em prol da manutenção de tais valores.

A exemplo disso, há uma passagem em que Lola sugere ter sofrido abuso sexual quando criança. Além da violência sofrida, da polêmica em torno da hipersexualização que apaga sua individualidade infantil, encontra-se também o silenciamento imposto por Belícia: “Na época em

que aquele troço aconteceu comigo, quando eu tinha 8 anos, e finalmente resolvi contar para a minha mãe o que o sujeito tinha feito, ela me mandou calar a boca e parar de chorar, e foi o que fiz, calei a boca, fechei as pernas e a lembrança” [...] (DÍAZ, 2009, p. 64). Por um lado, a mãe atenta para o modo como a filha entende e administra seu corpo quando prescreve regras de vestimentas. Por outro lado, ela a deixa completamente sozinha num momento traumático, em que definitivamente precisaria de uma figura de apoio.

Após essa fase de obediência e anuência às exigências maternas, surgem os primeiros ímpetos de mudança que se concretizam no ato de raspar o cabelo como símbolo de resistência à hipersexualização feminina e, por consequência, ao modelo internalizado pela mãe. Ao mesmo tempo, os atritos entre a protagonista e sua progenitora se intensificam, mostrando que Lola não está mais disposta a pensar seu corpo em consonância com os demandos da mãe. No momento em que Belícia se encontra fragilizada por um câncer, Lola foge de casa, buscando a liberdade da opressão materna. Ela opta por morar com o primeiro namorado, Aldo, com o qual perde a virgindade de forma superficial e insensível. O sentido que a protagonista depreende de sua primeira experiência

sexual, então, está diretamente atrelada à tentativa de liberação de valores sexistas.

Seu despertar à sexualidade, portanto, se revela ambíguo. Ele está acompanhado de um movimento de emancipação em relação à mãe, mas, ao mesmo tempo, se revela como um ato de desespero, desprovido de um sentido diretamente ligado aos anseios de seu corpo. No decorrer de seu desenvolvimento identitário, Lola acaba alcançando um conhecimento mais afinado com seu corpo e mais emancipado em relação às pressões de seu espaço social. Após sua permanência na República Dominicana, ela compreende melhor sua mãe, desenvolvendo ao mesmo tempo um maior grau de bifocalidade, que lhe permite obter maior agência sobre sua sexualidade, a despeito das experiências traumáticas que a acompanharam no processo de despertar da sexualidade.

Logo, a influência materna na maneira de conceber a sexualidade por parte das protagonistas Doria e Lola pode ser identificada nos dois romances. Essa influência se configura através do manejo de práticas culturais que é passado das figuras maternas para suas filhas. Yasmina ressignifica valores marroquinos patriarcais, que poderiam oprimir a alteridade de sua filha, enquanto Belícia reafirma tais valores dominicanos, mesmo tendo sofrido

terrivelmente da mesma opressão. Como resultado dessas distintas formas de manuseio cultural, Doria tem mais liberdade para descobrir sua sexualidade, sem precisar se submeter a premissas dominadoras, enquanto Lola precisa assimilar diversos momentos de ressignificação para que possa se empoderar. Tal empoderamento acaba sendo refletido não apenas na forma como elas se descobrem sexualmente, mas também na forma como elas estabelecem suas percepções bifocais.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma vez que projetam no mundo ficcional o que conheceram como socialização, partindo das próprias experiências de migração e de busca por pertencimento, os autores impulsionam, através da escrita, um processo de problematização ou mesmo reconfiguração da mundividência por meio de suas personagens. Tanto no caso de Doria, como no de Lola, é interessante observar o modo como modelos identitários são ressignificados. O despertar da sexualidade dessas personagens femininas e seus relacionamentos com a figura materna revelam estratégias íntimas de assimilação e reconfiguração cultural. Doria e Lola são símbolos de resistência, de diferentes formas. Elas contribuem para uma sensibilização social, desconstruindo obrigatoriedades culturais que geram estereótipos irrealis e homogeneizantes. Doria subverte

produtos culturais, mas sempre tendo em mente a fragilidade da mãe. Lola, por outro lado, resiste a padronizações características e não se submete aos princípios engessados no discurso opressivo de Belícia. Ambas oferecem novas visões de mundo ou mundividências, conforme Carlos Reis, repensando as diversas formas de relacionamentos.

Como produções literárias originadas no contexto de fluxos migratórios, *Amanhã, numa boa* (2006) e *A fantástica vida breve de Oscar Wao* (2009) rompem com modos estabelecidos de enxergar o mundo. Através da narração cômica de Doria, modelos de interação são renovados e é possível perceber que o tom sério não é a única forma de organizar um discurso sobre o mundo. A rebeldia de Lola em oposição às atitudes da mãe, por sua vez, oferece um olhar deslocado sobre comportamentos intransigentes na própria figura de migrante. Em ambas as protagonistas, é possível reconhecer a prática de resistência à visão de mundo recebida na socialização familiar, portanto, oriunda do país de origem. Ao mesmo tempo, elas também se posicionam de forma crítica em relação às práticas no país de assentamento. Essa habilidade de olhar para os dois contextos e compreender suas implicações, sem permitir que seus anseios sejam reprimidos, surge de um conhecimento bifocal.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O Contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2010.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CARVALHAL, Tânia. **Literatura Comparada**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2006.

DÍAZ, Junot. **A fantástica vida breve de Oscar Wao**. Tradução: Flávia Carneiro Anderson. Rio de Janeiro: Record, 2009.

GUÈNE, Faïza. **Amanhã, numa boa**. Tradução: Luciana Persice Nogueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

MATHIAS, Dionei. Imigração e resistência. **Revista Estudos Feministas**, v. 28 (1), p. 1-10, 2020a.

MATHIAS, Dionei. Pertencimento e afetividade em *Amanhã, numa boa*, de Faïza Guène. **Signótica**, v. 32, p. e59853, 2020b.

MATHIAS, Dionei. Mães e filhas em Oscar Hijuelos e Junot Díaz. **Revista de Letras Norte@mentos**, v. 14, p. 180-192, 2021.

MONGILYOVA, Natalya. National and ethnical in the individual picture of the world of the heroine of "Kiffe Kiffe Tomorrow" by Faiza Guene. **Journal of Language and Literature**, v. 5, p. 187-195, 2014.

REIS, Carlos. **O conhecimento da literatura**: introdução aos estudos literários. 2. Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

SOUZA, Livia Santos de. Escritas em movimento: a imaginação translinguística na obra de Junot Díaz. **Alea**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 249-268, 2019.

VERTOVEC, Steven. Migrant Transnationalism and Modes of Transformation. **International Migration Review**, New York, v. 38, n. 3, p. 970-1001, 2004.

Recebido em: 12-08-2020.

Aceito em: 22-03-2021.